

NATUROLOGIA E A EMERGÊNCIA DE NOVAS PERSPECTIVAS NA SAÚDE

Nelson Filice de Barros¹

Ana Cláudia M. B. Leite-Mor²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a Naturologia como novo agente no campo da saúde brasileiro e suas peculiaridades relativas à convergência com a perspectiva social atual e contribuições à problemática contemporânea da saúde. Para isso, debatemos com a ciência moderna e suas transformações, a partir da “revolução fenomenológica”, que refuta o objetivismo, a neutralidade e a separação sujeito-objeto, e da “revolução quântica”, que atestou a insuficiência da mecânica clássica e a não-linearidade do tempo. Ademais, a área da saúde vivencia, desde o início da segunda metade do século XX uma dupla crise, designadas por Madel Therezinha Luz de *Crise da Saúde e Crise da Medicina*. Estas crises são concernentes à falência do “projeto da modernidade”, ou seja: da perspectiva desenvolvimentista, instaurada pelas revoluções Francesa e Industrial e pautada na crença de um tempo linear, que aposta em um futuro luminoso capaz de dar respostas às obscuridades e infortúnios humanos. Estes são os alicerces da nossa reflexão, por um lado, sobre a proposta da Naturologia e suas implicações epistemológicas e sociais para o campo da saúde; por outro, sobre a estruturação do seu saber, apoiada na metáfora da árvore do conhecimento elaborada neste estudo. Procuramos evidenciar como as bases, princípios e diretrizes da Naturologia podem se solidificar pautadas em movimentos atuais do campo da saúde. Enfatiza-se que a Naturologia está atrelada ao contexto contemporâneo em que se encontra a ciência e a epistemologia, e que é neste contexto, que vemos a possibilidade de a naturologia trazer as transformações necessárias para as experiências de saúde-doença no campo da saúde. Formalizar a naturologia é um processo desafiador e põe em questão a própria forma de colocar-nos no mundo.

Palavras-chave: Naturologia, Epistemologia, Crise da Saúde.

¹ Coordenador do Laboratório de Práticas Alternativas Complementares e Integrativas em Saúde da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Endereço eletrônico: lapacis1@fcm.unicamp.br

² Pesquisadora do Laboratório de Práticas Alternativas Complementares e Integrativas em Saúde da Faculdade de Medicina da UNICAMP. Endereço eletrônico: mor.anaclaudia@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é refletir sobre a Naturologia como novo agente no campo da saúde brasileira e suas peculiaridades relativas à convergência com a perspectiva social atual e contribuições à problemática contemporânea da saúde. Para isso, debatemos com a ciência moderna e suas transformações ontológicas, a partir da “revolução fenomenológica”, que refuta o objetivismo, a neutralidade e a separação sujeito-objeto, e da “revolução quântica”, que atestou a insuficiência da mecânica clássica e a não linearidade do tempo.

A área da saúde vivencia, desde o início da segunda metade do século XX uma dupla crise, designadas por Luz (2005) de *Crise da Saúde* e *Crise da Medicina*. A primeira envolve aspectos econômicos, sociopolíticos, culturais e epistemológicos que geraram a “pequena epidemiologia do mal-estar”, que se caracteriza por um conjunto de sintomas biopsíquicos de grande repercussão coletiva, como: depressões, ansiedade, pânico, males da coluna vertebral etc. Já a crise da medicina relaciona-se à constatação de que biomedicina dispõe de poucos recursos efetivos para cuidar desses mal-estares e desconfortos, o que propicia a emergência ou resgate de novas práticas e racionalidades médicas.

As *crises da saúde e da medicina* são concernentes à falência do “projeto da modernidade”, ou seja: da perspectiva desenvolvimentista, instituída com a filosofia iluminista, instaurada pelas revoluções Francesa e Industrial e pautada na crença de um tempo linear, que aposta em um futuro luminoso capaz de dar respostas às obscuridades e infortúnios humanos. (SANTOS, 2002). Nossa percepção dessas crises no campo da saúde é tardia, no entanto na filosofia e na física há sinalizações, desde o fim do século XIX, sobre a exclusividade da ciência moderna. No século XX, as repercussões sociais das desigualdades e destruições do projeto civilizatório de base científico-racionalista passam a ser inegáveis, de forma que “não podemos mais assinalar a flecha irreversível do tempo nem atribuir um prêmio aos vencedores”. (LATOUR, 1994, p.15).

Ainda, segundo Bruno Latour (1994), nos anos finais do século XX, para ele especificamente em 1989, o projeto desenvolvimentista moderno teve seu triunfo e mais um prenúncio de falência, com a queda do muro de Berlim e as primeiras conferências mundiais sobre a ecologia do planeta, pois:

Ao tentar desviar a exploração do homem pelo homem para uma exploração da natureza pelo homem, o capitalismo multiplicou indefinidamente as duas. De fato, os socialismos destruíram ao mesmo tempo seus povos e seus ecossistemas, enquanto no Ocidente setentrional puderam salvar seus povos e algumas de suas paisagens, destruindo o resto do mundo e jogando os outros povos na miséria. (...) [O ocidente] acredita poder ensinar lições enquanto deixa morrer a Terra e os homens. Acredita ser o único a conhecer o truque que permite ganhar sempre, justamente quando talvez tenha perdido tudo. (...) Após essa dupla digressão nós, modernos, aparentemente perdemos um pouco da confiança em nós mesmos. (LATOURET, 1994, p.14).

Esse é o alicerce da nossa reflexão, por um lado, sobre a proposta da Naturologia e suas implicações epistemológicas e sociais para o campo da saúde; por outro, sobre a estruturação do seu saber, por meio da metáfora da árvore do conhecimento. No entanto, mais que discutir a formalização deste novo saber, procuramos evidenciar, como suas bases, princípios e diretrizes que podem se solidificar, pautadas em movimentos contemporâneos do campo da saúde.

2 NATUROLOGIA E O CONTEXTO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

A formação profissional da área da saúde pode ser considerada normalizada em relação aos aspectos ontológico, epistemológico e sociológico. Trata-se de uma reprodução assentada em manuais, cujas mudanças são mais de intensidade e menos da ordem do saber, visto que se apóiam em fundamentos, métodos e procedimentos estipulados e hegemônicos no campo da saúde. Há pequenos câmbios nesta estrutura de “ciência normal”, mas não se cria, de fato, uma “ciência nova” e novos campos de atuação e aplicação.

Parece-nos que o desenvolvimento da Naturologia no campo da saúde não é da ordem normal, pois ao fundar-se em conhecimentos *a priori* não científicos³ impõe um tencionamento em relação à reprodução do modelo hegemônico na saúde. A Naturologia propõe o entendimento do processo de saúde-doença de forma sistêmica ou holística, múltipla e variada, de forma que ao invés de eleger uma única base de conhecimento

³ Não se quer chamar aqui a toda a problemática do julgamento e designação de conhecimentos quanto a científicos ou não. Quer-se apenas ressaltar que muitos conhecimentos que a Naturologia considera como base não foram construídos a partir das formalizações e procedimentos da ciência.

propõe diversas perspectivas do humano e da natureza, que definem a formação e atuação desse profissional.

Essa possibilidade concretiza-se com base na existência de novas epistemologias derivadas das rupturas trazidas pela física quântica e pela fenomenologia. Se, por um lado, as experiências da física quântica tornaram irrevogável a influência do observador no experimento científico; por outro, a fenomenologia, mostra que toda abstração ou entendimento da “realidade” é relativo aquele que pensa, seu posicionamento, condições e contexto histórico. Assim, a ciência natural não mais pode sustentar o postulado de que acessa uma verdade objetiva, existente no objeto e na natureza, pois todo experimento/experiência da realidade, implica em uma pré-determinação do observador. De forma que todo o conhecimento é antes da relação estabelecida entre sujeito e objeto e não do objeto em si.

Por sua vez, o observador é um sujeito histórico, cujo olhar é definido socialmente, de acordo com as relações e representações de seu tempo. Assim, não é possível identificar a ciência ou o conhecimento como neutros e reveladores de uma verdade intrínseca ao objeto. Essa relativização é que permite pensar a Naturologia assentada em conhecimentos distintos, complementares e integrados, fundantes de uma perspectiva alternativa para o modelo de cuidado e cura do campo da saúde. No entanto, o desafio é fazer compreender corações e mentes que não se trata de acessar uma verdade objetiva, pois todo conhecimento é relativo ao observador e seu posicionamento histórico-social, e, por isso, todo conhecimento possui validade e verdade intrínseca no contexto em que se desenvolve.

Os trabalhos de Luz (1995), sobre a conceituação de *racionalidades médicas*, consagram, no campo da saúde, a necessidade de relativização da medicina biomédica e o entendimento das medicinas tradicionais, como outras formas de compreensão e intervenção no processo de saúde-doença. Coloca em questão o monopólio teórico e terapêutico estabelecido pela medicina ocidental, desenvolvida em nossa cultura sob a denominação de *medicina científica* e explica que: “no mundo ocidental, temos a tendência de naturalizar conhecimentos baseados na ciência, isto é, tratamo-los como se não tivessem origens, ou como se estas origens (históricas, culturais, imaginárias) não impregnassem permanentemente o desenvolvimento, até o presente, dos saberes ligados a ciência.” (LUZ, 1995, p.111)

3 A NATUROLOGIA E A ÁRVORE CONHECIMENTO NATUROLÓGICO

A metáfora mais comumente utilizada para simbolizar o conhecimento científico é o “edifício de conhecimento”, proposto por Descartes (1999), que metaforizou a ciência colocando as bases do conhecimento científico nos alicerces sólidos de um edifício. Ao procurarmos uma metáfora para representar a Naturologia sabíamos que ela deveria ter: base necessariamente larga e que representasse a diversidade das medicinas holísticas e sistêmicas; eixo que possibilitasse a explicitação a sua relação terapêutica; e uma superfície que permitisse apresentar as diversas possibilidades de atuação do profissional naturólogo. Dessa forma, chegamos a duas conclusões: a primeira de que o edifício de Descartes não era o ideal e a segunda de que a árvore, como modelo e como representação, seria mais adequada.

A árvore do conhecimento naturológico (Figura 1) responde às necessidades gráficas e traz intrínseca a ideia das vertentes de pensamento que a Naturologia trabalha: do retorno à natureza, da inerente relação do humano com os ciclos naturais e da saúde como harmonia desta relação. Além de ser viva, maleável, dinâmica, capaz de brotar e fenecer para um novo nascimento.

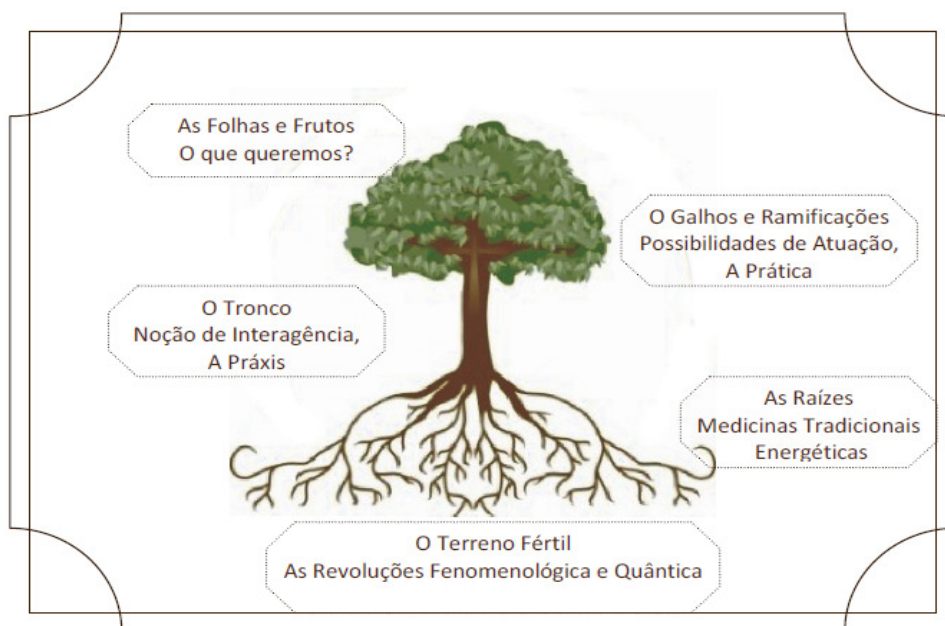


Figura 1 – A árvore do conhecimento naturológico.
Fonte: criação própria (como se coloca?)

TERRENO FÉRTIL

Pode-se supor o insucesso de se plantar no “Ocidente” árvores da Medicina Tradicional Chinesa e da Medicina Ayurvédica, dadas suas características sociais, culturais e filosóficas. Acontece que elas passam por hibridizações ao serem cultivadas em solo brasileiro e ganham fertilidade com adubos trazidos de outros campos além do da saúde.

O primeiro é o campo da Filosofia, onde se desenvolveu a revolução fenomenológica que tencionou a objetividade cartesiana, sobretudo em relação à separação entre sujeito e objeto, pensamento e corpo, eu e outro. Esta “nova” forma de *cogito*, abriu o espectro de possibilidades de compreensão e de rigor para a apreensão dos fenômenos da realidade. Conforme Merleau-Ponty, a trama fenomenológica mostrou como

A análise reflexiva ignora o problema do outro, assim como o problema do mundo, porque faz surgir em mim, com o primeiro lampejo da consciência, o poder de dirigir-me a uma verdade de direito universal. [...] [Assim] não existe dificuldade para se compreender como Eu posso pensar o Outro, porque o Eu e o Outro não estamos presos no tecido dos fenômenos e mais valem do que existem. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.8- 9)

Além disso, mostrou também como deve pode ser abordado o conhecimento a partir de outra perspectiva, pois, como segue Merleau-Ponty,

Para que outro não seja uma palavra vã, é preciso que minha existência nunca se reduza a consciência que tenho de existir, que ela envolva também a consciência que dele se possa ter e, portanto, minha encarnação em uma natureza e pelo menos a possibilidade de uma situação histórica. Enquanto Ego meditante posso distinguir muito bem de mim, o mundo e as coisas, já que seguramente eu não existo à maneira das coisas. Devo até afastar de mim o meu corpo, entendido como uma coisa entre as coisas, como uma soma de processos físico químicos. [...] O verdadeiro *Cogito* não define a existência do sujeito pelo pensamento de existir que ele tem, não converte a certeza do mundo em certeza do pensamento do mundo e, enfim, não substitui o próprio mundo pela significação mundo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.8- 9).

É fértil para a Naturologia a revolução fenomenológica do campo da Filosofia porque ela gerou a emancipação epistemológica das ciências humanas, principalmente ao permitir a produção do conhecimento na relação eu-outro, por meio de um rigor metodológico diverso do cartesiano.

O segundo campo é o da Física no qual a chamada revolução quântica deu suporte para um novo conjunto de conhecimento pouco possível pela mecânica clássica, cujos alicerces historicamente fundaram a ciência moderna. Trata-se, para Froiz (2004), de uma Cad. acad., Tubarão, v. 3, n. 2, p. 3-15, 2011

revolução que marca o *início do fim das certezas*, de forma que a *hard science* não pode mais determinar o comportamento da matéria. Com isso, de um lado, são desenvolvidas as teorias da relatividade, da incerteza e do caos, de outro, construída a certeza de que o homem não controla a natureza. Dessa forma, a revolução quântica propicia o surgimento de novas epistemologias para conceber a realidade na sua complexidade e as lógicas não lineares e não hierárquicas. (NICOLESCU, 1999).

Essas revoluções, ocorridas em diferentes campos do pensamento ocidental, dão subsídios para pensar uma epistemologia que permite o desenvolvimento, entre outros novos conhecimentos, da Naturologia no campo da saúde.

RAÍZES

As raízes da árvore Naturológica são de tradição chinesa, Xamânica, Ayurveda e Ocidental. Dessas vertentes, o naturólogo constrói sua prática e intervenção político-profissional no campo da saúde. A conceituação de *Racionalidade Médica* foi cunhada a partir dos “tipos ideais” de Max Weber e sistematiza conceitualmente essas diferentes tradições a partir de seis categorias. Segundo Ferreira e Luz (2007), são duas dimensões explicativas (cosmologia e doutrina médica) e quatro estruturantes (morfologia, dinâmica vital, sistema de diagnose e sistema de terapêutica).

Os estudos comparativos do grupo de *Racionalidade Médicas* abordaram os sistemas médicos complexos como partes constituintes de um contexto sócio-histórico e aprofundaram pontos específicos e traços estruturais de cada um dos sistemas. (LUZ, 1995). Além disso, categorizaram as diferentes medicinas conforme o paradigma bioenergético, que compreende as racionalidades que tem em comum a noção de energia vital, e o biomecânico.

Sobre as medicinas *bioenergéticas* ou *vitalistas*⁴ há aspectos comuns que servem de base para pensar as vertentes que fundam a naturologia. Todas têm em comum o foco no ser humano e a integralidade da experiência de saúde-doença, simultaneamente, física-emocional-mental-espiritual. Têm como objetivo restabelecer-lhe a harmonia e a integridade, promover saúde e autonomia. Partilham a importância do meio ambiente natural e social no adoecimento e têm ações de reintegração com a natureza, como parte do processo terapêutico. O foco na *dinâmica vital* do organismo leva os sistemas diagnósticos a

⁴ Homeopatia, Medicina Tradicional Chinesa, Medicina Ayurvédica e Medicina Antroposófica.

se voltarem para o desequilíbrio da força vital, face à constituição do indivíduo, o que faz da “doença” única e referente àquela experiência individual. Além disso, organizam a força vital em uma *morfologia energética*, que descreve a dinâmica do organismo e permite a sistematização ampla e holística dos processos de saúde e doença.

O paradigma biomecânico é o que estrutura o funcionamento da biomedicina, a partir, principalmente, do conhecimento científico produzido na biologia, química e física. Para Santos (2002), a supremacia dos mecanismos da racionalidade ocidental permite a reprodução deste modelo, seu caráter oficial e a identificação do que chama de *razão indolente*, “que subjaz nas suas várias formas, ao conhecimento hegemônico, tanto filosófico como científico, produzido no Ocidente nos últimos duzentos anos.” (SANTOS, 2002, p.240).

O autor desenvolve criticamente duas características estruturantes da *razão indolente*, a *razão metonímica* e a *razão proléptica*, para explicar o que chama de *sociologia das ausências*, *sociologia das emergências* e o *procedimento de tradução*. Segundo Santos (id.ib), a *razão indolente* da racionalidade ocidental cria um campo vasto de experiências sociais invisíveis, transformando, pela *razão metonímica*, a ciência moderna e a alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética. De forma que, com base na *monocultura do saber científico*, é identificada a ignorância e o ignorante, assim como a incultura e o inculto. Assim, tudo que o cânone não legitima ou reconhece é declarado inexistente e a *razão metonímica* não é capaz de aceitar que a compreensão do mundo é muito mais do que a compreensão ocidental do mundo. Sobretudo, em relação a práticas e saberes “não ocidentais” e que não favoreçam a expansão do capitalismo.

Pela *razão proléptica*, por outro lado, constrói-se a *monocultura do tempo linear*. A história tem o tempo e a direção que lhe são conferidos pelo progresso futuro e infinito. (SANTOS, 2002). É nos termos dessa lógica que a modernidade ocidental produz a não contemporaneidade do contemporâneo, ao julgar e classificar experiências que acontecem no atual momento histórico como primitivas ou tradicionais. No entanto, “uma vez libertada do tempo linear e entregue a sua temporalidade própria, a atividade do camponês africano ou asiático deixa de ser residual para ser contemporânea da atividade do agricultor *hi-tech* dos EUA ou do executivo do banco mundial.” (SANTOS, 2002, p.251).

As considerações de Santos são fundamentais para pensar sobre as raízes da árvore do conhecimento naturológico, pois com elas se identifica como vem acontecendo a apropriação e a “des-legitimação” do conhecimento de medicinas tradicionais e de suas

técnicas terapêuticas, por parte da racionalidade científica. Também, as reflexões de Santos permitem pensar sobre a Naturologia no campo da saúde que, ao tornar-se um curso acadêmico, pretender-se ciência, ou pelo menos aproximar-se das instituições produtoras de ciência; coloca aos naturólogos a necessidade de se posicionarem frente a estas questões, bem como em relação ao processo de regulamentação profissional e alcances e limites das racionalidades das medicinas que tem como raízes.

Para isso, segundo Santos (2002), é necessário escapar à *razão indolente*, edificante do imperialismo colonialista ocidental, de forma que

A monocultura do saber científico tem que ser questionada pela identificação de outros saberes e de outros critérios de rigor que operam credivelmente em contextos e praticas sociais declarados não-existentes pela razão metonímica. [...] [Pois] toda ignorância é ignorante de um certo saber e todo saber é a superação de uma ignorância particular. Deste principio de incompletude de todos os saberes decorre a possibilidade de diálogo. (SANTOS, 2002, p. 245-250).

Para estabelecer o diálogo, o autor propõe o trabalho de *Tradução*, que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo. O trabalho de tradução tem base na *sociologia das ausências*, que visa identificar as experiências sociais produzidas como inexistentes pela *razão metonímica*, e a *sociologia das emergências*, que visa a abordagem das possibilidades de emergência social para a desestruturação dos mecanismos de invisibilidade. De forma que a tradução é simultaneamente um trabalho intelectual e um trabalho político, podendo ser útil à Naturologia, quando esta busca relacionar e comparar diversas racionalidades, estabelecer suas peculiaridades e ressaltar suas convergências.

TRONCO

Como se viu, a ramificação de nossas raízes abarca perspectivas energéticas e sistêmicas, no entanto estas vertentes de pensamento possuem na *práxis* naturológica, um tronco forjado pela *noção de Interagência*.

Na Naturologia, o *paciente* dá lugar ao *interagente*, pessoa única, capaz de conceber o seu processo de saúde-doença e detentora das decisões e escolhas do seu processo de vida. Assim, a Interagência é uma relação transversal que procura estabelecer a corresponsabilidade no processo terapêutico, implicando em reconhecimento e valorização da subjetividade. Não cabe ao naturólogo, que coloca-se transversalmente na relação, Cad. acad., Tubarão, v. 3, n. 2, p. 3-15, 2011

explicar o processo de saúde-doença do outro, pois esta seria a expressão de uma relação verticalizada, onde um profissional detém o conhecimento e o poder superior.

O naturólogo, como interagente, é, então, um mediador que a partir do seu conhecimento e das medicinas que tem como base; sobretudo acolhe e propicia transformações “inter-agentes”. Para isso, é necessário que o naturólogo relativize as racionalidades e teorias que utiliza enquanto verdades para a experiência do outro, pois antes de “tratar” dispõe-se a *acompanhar* e *cuidar* o processo de vida do interagente.

A atuação naturológica pela *interagência* cria a especificidade desse profissional, pois o naturólogo ao utilizar dos conhecimentos, por exemplo, da Medicina Tradicional Chinesa não o faz da mesma forma que o médico chinês, uma vez que o diagnóstico não é a base da relação terapêutica. Por isso, o uso das práticas naturais pelo naturólogo não se assemelha ao que fazem outras profissões da área da saúde, pois além de se nortearem pela *noção de interagência*, operam simultaneamente com a perspectiva da *Educação em Saúde, Promoção da Saúde e Cuidado*.

A *Educação em Saúde* na Naturologia, deve ter o sentido de uma Pedagogia da autonomia, como postulou Paulo Freire. Não se trata, na interagência, de transmitir conhecimentos relativos às medicinas holísticas e de “convencer” o outro que tal ou qual hábito é melhor para sua saúde. Trata-se de possibilitar um ambiente para que o “inter-agente” restaure a sua integridade orgânica, emocional e psíquica. Assim, a *Educação em saúde* na Naturologia, deve ter o sentido da emancipação e não “da repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser ‘educado’, vai gerando coragem”. (FREIRE, 2003, p.51).

O naturólogo pode cumprir o processo educativo a partir da atitude humana do *Cuidado*, princípio e diretriz da *Interagência*. Volich (2000) trata, no texto *O Sonhar e o Cuidar*, das relações entre o ato terapêutico, o ato educativo e a ação do cuidado. Afirma que o resgate do processo de aprendizagem no processo terapêutico desenvolve-se com esta ação que:

[...] pressupõe colocar-se ao lado do sujeito, inclinar-se diante de sua dor. Mesmo sem percebê-lo, o terapeuta é confrontado com o desamparo do paciente, com sua angústia diante da invalidez e da morte, sendo também convocado à educá-lo, conduzi-lo por um caminho que este não foi capaz de percorrer sozinho, ou para o qual não contou com a ajuda de alguém que pudesse indicar sua existência ou acompanhá-lo. [...] Nestes encontros reatualizam-se histórias de vida que, muitas

vezes, buscam através do outro reestruturar-se de forma menos sofrida e mais satisfatória. (VOLICH, 2000, p.8).

Por fim, o naturólogo age para com base na *Promoção da Saúde* com ações de desenvolvimento de potencialidades pessoais e de estímulo à participação ativa nos processos individuais e grupais. Tesser (2009) explicita mostra os eixos estruturantes do movimento atual de *Promoção da Saúde* e suas polaridades, entre uma concepção biologicista e a concepção voltada a uma ação ampliada, social e educativa.

Na perspectiva ampliada, tem-se a ênfase no campo social com ações institucionais, intersetoriais, políticas e culturais, que visam o *empowerment* pessoal e coletivo, que atrelado à educação implica:

que indivíduos e coletividades possam participar ativamente na construção de uma vida e uma sociedade mais saudável. Tais ambições exigem uma prática educativa centrada no diálogo, na solidariedade, na construção de parcerias, fomentando a coresponsabilidade e a politização individual e coletiva. Aqui aparece um grande desafio e tensão, uma vez que no pólo oposto deste eixo encontra-se uma tradição pedagógica hegemônica na saúde pública e na biomedicina diretiva, autoritária, controladora e vinculada a uma perspectiva de enquadramento dos indivíduos e comunidades em ordens sociais e comportamentos ditados tecnocraticamente ou politicamente alhures. (TESSER, 2009, p.1735).

Essa perspectiva ampliada de *Promoção a Saúde* é convergente com o que foi colocado sobre a educação e o cuidado, como fundamentos a *Interegência*, nosso tronco ou eixo norteador da prática naturológica. Esses conceitos e perspectivas colocam a Naturologia diante às problemáticas contemporâneas da área da saúde, oferecendo possibilidades resolutivas, com: a valorização das relações interpessoais, o reconhecimento do poder da subjetividade humana na construção do indivíduo, e o posicionamento político para construir uma sociedade mais justa e voltada à vida.

GALHOS

A partir do tronco da *Interagência*, as possibilidades de atuação do naturólogo ramificam-se e direcionam-se nos galhos. Diversas são as possibilidades de prática e atuação, como: atendimento clínico individual, atendimento terapêutico a grupos, grupos de *promoção da saúde* e de *educação em saúde*; consultoria a empresas público/privadas, consultoria em escolas para uma educação voltada à saúde, à docência, entre outros.

A *práxis* naturológica, quer-se dizer, qualquer das atuações do naturólogo, pode ser assumida como a ação política e ética de transformação no mundo e na relação com o outro. Sobretudo, porque, como vimos, entre os fatores que possibilitam a existência da Naturologia está a crise social e epistemológica gerada pela falsa neutralidade política, histórica e social do conhecimento. O físico que possibilitou a fissão atômica e que causou destruição e sofrimento está também implicado ética e politicamente com a utilização deste conhecimento. (LATOURE, 1994).

Assim, a prática naturológica não consiste apenas na intervenção com práticas naturais, mas na ação de restituição da integridade e harmonia orgânica e psíquica do “inter-agente”. É uma ação complexa, que sintetiza princípios epistemológicos diante a saúde humana e que procura efetivar a corresponsabilidade e a autonomia dos sujeitos. Então, definir a Naturologia pela utilização das práticas naturais, além de reduzi-la apenas ao nível tecnocrático do conhecimento, também, a desprovê dos princípios inerentes às medicinas holísticas e sistêmicas. Além disso, faria da Naturologia isca fácil do mercado, instituindo-a de forma utilitarista e imediatista, no qual a saúde enquadra-se como mera mercadoria. Portanto, para que a Naturologia venha a causar as transformações que se propõe é necessário que pense a sua aplicação prática, seja ela qual for, como ação política, crítica e ética.

FOLHAS E FRUTOS

Se a Naturologia dará certo, se esta árvore vingará e virá a dar bons frutos só o tempo pode responder. (SILVA, 2008). Para Santos (2002), a *monocultura do tempo linear* da mesma forma que contraiu o presente dilatou enormemente o futuro porque, “a história tem o sentido e a direção que lhe são conferidos pelo progresso, e o progresso não tem limites, o futuro é infinito”. (SANTOS, 2002, p.257). Trata-se, então, de contrair o futuro, torná-lo escasso, e objeto de cuidado. Ainda segundo Santos, o futuro não tem outro sentido nem outra direção, senão os que resultam deste cuidado e ampliação do presente. (SANTOS, 2002, p.254).

O futuro da sociedade na pós-modernidade é incerto e a Naturologia será no futuro o que as ações presentes puderem realizar e construir. A Naturologia somente será a profissão do futuro se assim a fizermos agora, ainda que saibamos que “em cada momento, há um

Cad. acad., Tubarão, v. 3, n. 2, p. 3-15, 2011

horizonte limitado de possibilidades e por isso é importante não desperdiçar a oportunidade única de uma transformação específica que o presente oferece: *carpe diem*.” (SANTOS, 2002, p.255).

Nesse movimento de contrair o futuro e reconhecer a sua indefinição podemos expandir as possibilidades de ações com base na *sociologia das emergências*, com investigação das alternativas que cabem no horizonte de possibilidades concretas. Quais são as expectativas da Naturologia? O que ela pode no futuro? Que frutos queremos produzir? Muitas questões e não sabemos se a árvore do conhecimento natrológico vingará, mas podemos cuidar das possibilidades emergindo com ideias diferentes de cuidado, educação, saúde e doença.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio procurou contextualizar a proposta da Naturologia no contexto contemporâneo em que se encontra a ciência, a epistemologia e o campo da saúde. Enfatiza-se que estamos atrelados a tal contexto e que nele é que vemos a possibilidade de trazer as transformações necessárias para as experiências de saúde-doença. Temos referências em construção há mais de um século no campo da Filosofia e da Física, no entanto, na saúde são ainda relegadas a espaços secundários e de pouca visibilidade para este debate. Embora, não se possa negar a emergência e grande desenvolvimento do movimento social relacionado a própria Naturologia.

Formalizar a Naturologia no campo da saúde é um processo desafiador e põe em questão a própria forma de colocar-nos no mundo. Para isto, estamos seguros, é de extrema importância o aprofundamento e a vivência das reflexões desenvolvidas neste ensaio. Quanto ao futuro, cabe aos naturólogos ter claro seus sonhos e objetivos, para construírem a partir do que permitem forte raízes, tronco e galhos. Por fim, fica o desejo e a expectativa de que esta árvore de conhecimento e prática venha a crescer e desenvolver-se, em vista dos reais benefícios que pode proporcionar aos sujeitos e à sociedade.

REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Discurso do método**: as paixões da alma, meditações. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FERREIRA, Claudia dos Santos; LUZ, Madel Therezinha. Shen: categoria estruturante da racionalidade médica chinesa. **Hist. cienc. saúde**. Manguinhos, vol.14, no.3, p.863-875. Set 2007.

FRÓIS, Katja Plotz. Uma Breve História do Fim das Certezas, ou o Paradoxo de Janus. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. Florianópolis, n. 63, Dez. 2004.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1994.

LUZ, Madel T. Racionalidades Médicas e Terapêuticas Alternativas. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v.7, n. 1, p. 109-128. 1995.

_____. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. **Physis**, Rio de Janeiro, v.15, p.145-176. 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

SILVA, Fernando Maurício da. Caminhos entre a natureza e o humano. In HELLMANN, F.; WEDEKIN, L. M.; DELLAGIUSTINA, M. (Org.) **Naturopatia Aplicada, reflexões sobre saúde integral**. Tubarão: Unisul, 2008. p. 25-41.

TESSER, Charles Dalcanale. Práticas complementares, racionalidades médicas e promoção da saúde: contribuições pouco exploradas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol.25, no.8, p.1732-1742. Ago 2009.